

A ESCOLA CIVITAS EM ALEXÂNIA: UM CAMINHO DE FORMAÇÃO CIDADÃ PARA A COGOVERNANÇA

Maria da Conceição Barbosa de Oliveira¹

Júlio César de Oliveira Carneiro²

DOI: <https://doi.org/10.47306/978-65-88213-16-2.132-148>

Sumário: 1 Introdução; 1.1 Escola Civitas; 1.2 Experiências iniciais; 1.3 Escola Civitas na região centro-oeste; 2 Reformulação do projeto original; 2.1 Novos instrumentos pedagógicos; 2.1.1 A arte de amar e o “dado da paz”; 2.1.2 Fotovoz e escuta ativa; 2.2 Revisão do conteúdo e os colaboradores temáticos; 3 A Escola Civitas em Alexânia; 3.1 Um novo desafio; 3.2 O curso em cinco encontros; 3.3 Encerramento do curso e uma possível continuidade; 3.4 Ainda sobre os projetos de ação local apresentados; 4 Reflexões sobre a Escola Civitas em Alexânia; 4.1 Sobre o antes e o atual; 4.2 Sobre o atual e o futuro; 5 Considerações finais; Referências.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Escola Civitas

A Escola, como nós a entendemos, é um espaço de liberdade no qual queremos realizar uma experiência de formação. Essa formação tem dois aspectos: o primeiro é aquilo que queremos dar aos estudantes que participam. São várias matérias caracterizadas por uma inspiração comum, isto é, a referência à Fraternidade Universal que tem suas raízes na experiência e no carisma de Chiara Lubich. Há um segundo aspecto importante da formação que diz respeito a todos aqueles que compõem a escola. Trata-se de colocar em prática o que falamos. Se nós não conseguirmos colocar em prática as ideias de bem, de justiça, de liberdade de que falamos, a nossa formação não se realizará... (BAGGIO, 2007)

A Escola Civitas (EC) de formação social e política para jovens nasceu em 2007 no Brasil como uma expressão do carisma da unidade que dá substância ao Movimento dos

¹ Maria da Conceição Barbosa de Oliveira. Professora de português e literatura da rede pública de educação de Brasília-DF. Especialista em redação pela PUC-MG. Exerceu função de coordenadora pedagógica na Divisão Regional de Ensino de Sobradinho-DF, membro do Movimento dos Focolares e monitora da Escola Civitas. E-mail: mcolibarbosa@gmail.com

² Médico, mestre em ciências médicas pela UnB, exerceu função de assistência, ensino e direção na saúde pública de Brasília-DF, membro do Movimento dos Focolares, colaborador do MPPU e da Escola Civitas, idealizador das Oficinas pelas Cidades Fraternas e de projetos culturais com foco na fraternidade e cidadania.

Focolares³, fundado por Chiara Lubich. Na década anterior surgiram experiências formativas, na Itália, com o nome Escolas Res Nova. O objetivo dessas escolas foi oferecer um espaço de preparação aos jovens que pretendiam dedicar-se ao empenho político ou atuar no âmbito do associativismo cultural, eclesial e voluntário, a partir do carisma da unidade (BAGGIO, 2005). Com o surgimento do Movimento Político pela Unidade (MPPU) em 1996, enriqueceu-se sobremaneira a possibilidade de proporcionar aos jovens uma formação teórica prática em uma visão social, política e cultural que resgata o princípio da fraternidade universal (BAGGIO, 2006). Essa riqueza nova foi também derivada da “Escola Abba”, o Centro de Estudos Interdisciplinar sobre a doutrina da unidade fundado em 1990 (SGARIGLIA, 2014).

A caminhada do MPPU no Brasil⁴ inspirou a fundação de um percurso formativo apoiado na categoria política da fraternidade com objetivo de colaborar para que o bem comum se tornasse mais presente na vida das cidades. Essa convicção abriu a perspectiva que a Escola Civitas pudesse ser apresentada aos espaços da política e da sociedade em geral, sem temer a partidarização ou a perda de sua identidade. Para a abertura da Escola Civitas no Brasil, aconteceram encontros preparatórios em 2006 e 2007. Os corresponsáveis pelo MPPU internacional na época, a deputada do parlamento italiano Lucia Fronza Crepaz e o filósofo e politólogo Antonio Maria Baggio, estiveram à frente dessa preparação.

Foi um trabalho que reuniu quase uma centena de pessoas vindas de todas as regiões do Brasil para que nascesse uma proposta formativa em estreita cooperação com o MPPU e com as novas realidades de diálogo com a sociedade. A partir desses encontros, formou-se um grupo de docentes que adaptaram o conteúdo temático à realidade do Brasil. Também nasceu o interesse voluntário de pessoas dispostas a experimentar o projeto educacional em suas cidades, em uma construção que congregasse membros da comunidade local do Movimento dos Focolares e pessoas interessadas nessa proposta.

1.2. Experiências iniciais

Os cursos da EC iniciaram no segundo semestre de 2007 em 14 cidades, geralmente nas capitais, e as turmas eram formadas por cerca de 20 estudantes. Para atender ao objetivo

³ O Movimento dos Focolares nasceu em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, na cidade de Trento, norte da Itália. O carisma do movimento é a Unidade e sua grande missão é realizar o desejo de Jesus: “Que todos sejam um” (Jo 17,21) e construir com todos um Mundo Unido. E-mail: julio.carneiro1@gmail.com

⁴ O Movimento Político pela Unidade, que nasceu em Nápoles (Itália), por iniciativa de Chiara Lubich e um grupo de políticos de vários partidos, foi lançado no Brasil em novembro de 2001 e logo adquiriu significativas adesões, sobretudo no parlamento federal e em algumas assembleias legislativas, câmara de vereadores e espaços da administração pública. Não é uma nova proposta partidária, mas uma rede que reúne cidadãos e políticos interessados em promover os processos políticos inspirados na fraternidade universal.

geral de fomentar a consciência e a prática efetiva e madura da fraternidade como caminho mais seguro de promover o bem comum, os primeiros a serem formados deveriam ser os monitores e professores voluntários da Escola (CIVITAS, 2007). Dessa forma, desde o início, a Escola Civitas passou por esse crivo: a experiência de fraternidade, na liberdade do diálogo e na acolhida recíproca entre estudantes, monitores, colaboradores, membros do MPPU e comunidade local.

De início, em face do conteúdo denso e apoiado nas disciplinas de filosofia, sociologia, direito constitucional e ciências políticas, que realçavam a fraternidade universal no seu percurso histórico, o curso foi previsto para durar 2 anos, totalizando 180 horas-aula. Ao longo da caminhada da EC, os estudantes, professores, monitores e os colaboradores temáticos dessas várias escolas tiveram oportunidades de trocar reflexões e experiências. Isso permitiu incorporar expressões, metodologias e a revisão de conteúdos quase que de forma livre e adaptativa aos recursos e percepções que foram acontecendo nesses territórios onde a EC se instalara.

Cada turma era acompanhada por, no mínimo, dois monitores. A Escola Civitas aconteceria, portanto, dentro do território “cidade” e envolveria sobretudo o jovem cidadão interessado em sua cidade. As solenidades de abertura e conclusão do curso e as aulas públicas foram oportunidades para se convidar os cidadãos, as cidadãs e os políticos em geral. Fizeram parte de sua preparação em cada cidade, os contatos com a comunidade do Movimento dos Foculares que abrigava o Curso da EC e as autoridades locais.

1.3. Escola Civitas na região centro-oeste

A Escola Civitas da Região Centro-Oeste iniciou-se no segundo semestre de 2007 e se caracterizou pela continuidade no tempo. A duração, o formato, o público-alvo, os locais de execução e as equipes de monitores e colaboradores sofreram modificações ao longo do tempo, conforme necessidades e possibilidades.

O primeiro curso foi dirigido aos jovens, especialmente aos do Movimento dos Foculares, e teve a duração de mais de dois anos, tempo extra necessário para que o trabalho de campo ou projeto de ação local fosse concluído. Houve um breve lapso de tempo até a retomada do segundo curso em 2011, ainda com uma maioria de jovens do Movimento, mas começando uma relação mais intensa com as instituições públicas da cidade. O desenvolvimento do projeto de ação local necessitou de contatos com alguns hospitais públicos de Brasília e concluiu com um seminário sobre a importância da brinquedoteca hospitalar para as crianças atendidas nesses espaços.

Em 2014, a EC reformulada passou a acontecer em novas localidades. Houve um primeiro curso envolvendo participantes de Taguatinga⁵ e das cidades de Cocalzinho e Corumbá de Goiás. Os seguintes alternaram-se entre essas duas cidades e, em 2017, aconteceu em outra cidade de Goiás, Alexânia⁶. Em 2018, o curso voltou a Cocalzinho e Corumbá de Goiás e, em 2019, a EC aconteceu pela segunda vez em Alexânia, ao qual esse artigo quer se dedicar.

2 REFORMULAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO

No segundo semestre de 2013, algumas necessidades haviam ficado claras, entre essas, transformar o projeto de ação local de módulo em um eixo transversal. O objetivo foi dar aos estudantes instrumentos para irem a campo desde o início e fazerem um "percurso na cidade". Partia-se da educação do olhar e do exercício da escuta ativa para identificar com as pessoas, em geral as mais vulneráveis, as suas necessidades prioritárias, e assim, selecionar juntos a que fosse factível com os recursos e o tempo disponíveis.

O olhar se alargou para alcançar os jovens que viviam nas “cidades satélites” de Brasília e em pequenas cidades vizinhas do Estado de Goiás. Para esse propósito, os cursos precisavam ser mais curtos pela frequente mudança na disponibilidade desses jovens, em função do período da vida estudantil e profissional deles e pela dificuldade de recursos, inclusive para o deslocamento. Assim foi necessário condensar o curso em 40 horas/aula, com 5 encontros presenciais, incluindo a elaboração e a apresentação dos projetos.

Houve também a necessidade de uma nova dinâmica dos encontros, como se preferiu chamar. A ideia da fraternidade era doada desde o início com o apoio de instrumentos pedagógicos simples, mas exigentes e de forma reiterada (por exemplo, a “arte de amar” e o “Dado da Paz”). Para manter o foco no desenvolvimento do projeto de ação local foram adaptadas ferramentas já validadas em tecnologia social: o fotovoz e a escuta ativa. A possibilidade de realizar o curso para jovens com dificuldades socioeconômicas facilitou o alcance de realidades de maior vulnerabilidade social na escolha dos projetos. Isso também atendia aos anseios da Igreja “em saída”, de ir às periferias existenciais e geográficas com o devido preparo para dialogar com todos (BERGOGLIO, 2013).

⁵ Taguatinga é uma das regiões administrativas do Distrito Federal, também conhecidas como “cidades satélites”.

⁶ Alexânia-GO é um município com 28.010 habitantes que se formou na época da construção de Brasília, à distância de cerca 90 km. (IBGE, população estimada em 2020. disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/alexania.html>)

2.1 Novos instrumentos pedagógicos e a revisão do conteúdo

2.1.1 “A arte de amar” e o “Dado da Paz”

Chiara Lubich expôs didaticamente um argumento que viria a ser conhecido como “a arte de amar” (LUBICH, 2006). Ela extraiu do Evangelho uma sequência de atitudes que caracterizaram a vida de Jesus histórico e que estão na base do “ser fraterno”, característica que cada pessoa é convidada a expressar na vida e na sociedade. Como se fosse um “DNA da fraternidade universal” da espécie humana, sua expressão permite a edificação de sociedades fraternas. Essa sequência de atitudes foi adaptada a diversos contextos, desde a educação infantil até o relacionamento empresarial ou a política das cidades (LUBICH, 2000). Também houve a sua adaptação à figura de um cubo ou dado, onde as faces não são números, mas pequenas frases (Quadro 1) indicando atitudes inspiradas no amor universal que cada pessoa carrega potencialmente (LIVING, 2020).

Ser o primeiro a amar
Amar a todos
Amar o outro
Escutar o outro
Perdoar uns aos outros
Amar uns aos outros

Quadro 1: Frases do Dado da Paz (adaptado de Living Peace Internacional, Guia 2020 2021)

Também na EC passamos a utilizar essa dinâmica para abrir espaço às reflexões e aos relatos de experiências sobre a fraternidade, promovendo uma ressignificação de atitudes pessoais e coletivas e as orientando para as necessidades do bem de todos. Jogar o dado e observar a frase que saía passou a integrar cada um dos nossos encontros.

2.1.2 Fotovoz e escuta ativa

Esses dois instrumentos de abordagem da situação e execução de um projeto em pouco tempo é alcançável por todos, independente da escolaridade. A dinâmica do fotovoz, ou simplesmente o fotovoz, é a descrição de uma imagem da realidade vista por uma pessoa, em sua própria linguagem. Isso permite a inclusão de todos na discussão e no exercício de identificar nas imagens uma forma de expressão de inúmeras e diversas realidades. (HERGENRATHER, 2009)

A partir de uma pergunta guia, os estudantes foram convidados a ter um novo olhar sobre a realidade, como se “usassem os óculos da fraternidade”⁷. Essa percepção requalificada sobre as pessoas, os processos institucionais e a própria história pessoal e coletiva tem a ver com a realidade do “ser fraterno”. Essa abordagem apreciativa não exclui o negativo, mas dimensiona o bem já existente, o que servirá de base para os projetos.

A escuta ativa na metodologia ajuda a dar sequência ao caminho iniciado pelo fotovoz. Essa etapa é necessariamente coletiva, em grupo de estudo e com a participação da comunidade que vive a realidade em que se trabalha. A escuta ativa nessa perspectiva faz parte do “Ser Diálogo”, que tem a ver com a nossa identidade e que se realiza no encontro com o outro (ARAÚJO, 2019). Parte-se do ouvir as pessoas no território, da escuta ativa dos atores sociais ainda que, nesse primeiro momento, seja algo restrito a uma proposta factível de ação local, já contém os pressupostos para ações de maior porte, no modelo participativo.

2.2 Revisão do conteúdo e os colaboradores temáticos

Na nova formatação das EC que aconteceu em nossa região e também em quase todos os cursos no Brasil, optou-se por revisar o conteúdo de todo o curso e transformá-lo em uma sequência mais acessível (Quadro 2). A Escola Civitas precisava chegar aos jovens de uma forma geral, sobretudo aos mais jovens (16-20 anos), e aos diversos locais onde se encontravam, respeitando as limitações em que a maioria dos jovens brasileiros vivia. As novas ferramentas do “percurso na cidade” também contribuiriam para a compreensão e o discernimento sobre os projetos, otimizando o tempo de sua elaboração, que antes demandavam muitas reuniões.

MÓDULO I

- A arte de amar na vida e na política
- Um olhar para a cidade

(Introdução do fluxograma para o Projeto – Fotovoz)

MÓDULO II

- Fraternidade como categoria política
- Fraternidade como princípio constitucional

(Elaboração dos Projetos de Ação Local)

MÓDULO III

- A vida política na cidade (A política e a dinâmica da polis)

⁷ “Usar os óculos da fraternidade” é uma expressão nascida de uma dinâmica na Escola Civitas do Rio de Janeiro.

<p>- Política: Unidade e Diversidade (Elaboração dos Projetos de Ação Local)</p> <p>MÓDULO IV</p> <p>- Participação social e política - Fraternidade e Políticas Públicas⁸ (Revisão das etapas dos Projetos de Ação Local)</p> <p>MÓDULO V</p> <p>- Princípios das cidades fraternas (Apresentação dos resultados dos Projetos de Ação Local e encerramento solene e festivo do curso)</p>

Quadro 2: Programa seguido pela EC na Região Centro-Oeste (2013-2019)

Para sustentar essa nova proposta, contou-se com a participação voluntária mais ativa de colaboradores temáticos, muitos desses tinham sido estudantes nos primeiros cursos. Nesses, a competência vinha respaldada pela experiência da fraternidade vivida em primeira pessoa. Essa diversidade, pois a cada curso havia uma disponibilidade diferente, enriqueceu a EC com novos olhares e novas práticas, tornando o curso também rico para aqueles que o acompanhavam mais de perto.

3 ESCOLA CIVITAS EM ALEXÂNIA - 2019

3.1 Um novo desafio

A praça central da cidade de Alexânia, numa tarde clara de junho de 2019, foi o ponto de chegada de um carro, vindo de Brasília, com três “viajantes”. Ao mesmo tempo foi o ponto de partida da experiência do 8o. curso da Escola Civitas da região, uma escola “em saída”, desde 2014. Foi assim que em torno daquela praça começaram a ser tecidos os fios de uma rede de relacionamentos com base em um novo paradigma, com implicações para a ação política de um pequeno grupo e para além dele. (OLIVEIRA, 2019)

No primeiro semestre de 2019, surgiu o interesse que a Escola Civitas fosse realizada novamente em Alexânia. A proposta nasceu de uma ex-aluna que orientou a procurar a Associação dos Moradores e Amigos de Alexânia (AMAA). Naquela tarde de junho, uma das visitas foi ao presidente da Associação, que apoiou a proposta e convidou outros membros a fazerem o curso. Foi escolhido para a divulgação do curso um nome fantasia: “Cidadania para a Paz”, reforçando o compromisso da EC de ajudar a formar cidadãos “novos” e não, especificamente, lideranças ou políticos.

⁸ Em sintonia com o tema da Campanha da Fraternidade da CNBB de 2019: “Fraternidade e Políticas Públicas”.

Essa EC de 2019 teria assim algumas características próprias desde o início: Seria uma turma com jovens e adultos que tinham grande interesse na política local, alguns ocupavam cargo público e outros eram potenciais candidatos para o pleito municipal de 2020. Essa riqueza que já traziam de suas experiências de dedicação à sociedade ou mesmo na política local, fez com que todos estivessem mais atentos à relação horizontal a ser construída. Esse fato pareceu fundamental para manter a experiência dialogal em que todos se sentiam corresponsáveis.

O curso aconteceu em uma sala cedida por uma escola, aos sábados pela manhã, no período de agosto e início de setembro de 2019. Foram 5 encontros, incluindo a apresentação final do projeto de ação local e a entrega dos certificados de conclusão dessa fase. Participaram 11 estudantes, 3 jovens e 8 adultos e tiveram cem por cento de frequência. Os encontros aconteceram quase inteiramente em formato círculo de diálogo com a partilha de experiências e reflexões a partir de um tema apresentado. Essa técnica se adequou à horizontalidade que esse curso exigia e aos objetivos da EC.

3.2 O curso em 5 encontros

O curso seguiu a programação dos módulos (Quadro 2), enriquecida pela participação de alguns novos colaboradores para o desenvolvimento dos temas, sempre de forma dialogada e entremeada de experiências pessoais sobre a fraternidade. Também foram feitas dinâmicas já realizadas em cursos anteriores como a definição do "contrato de convivência" e o jogo do "Dado da Paz", esse sempre renovado a cada encontro para a atualização da frase (Quadro 1) que seria colocada em prática. Também foram trazidas novas dinâmicas, sobretudo no primeiro dia, com as técnicas do círculo do diálogo e da cocriação do propósito comum.

Ao lado desse aspecto mais estruturado, o elemento mais importante da Escola foi o olhar novo que o carisma da unidade fez Chiara Lubich (2006, p. 131) escrever "Senti que fui criada como um dom para quem me está próximo e quem me está próximo foi criado por Deus como um dom para mim." Essa compreensão aplicada ao "percurso na cidade" ajuda a ter um olhar novo para a cidade, identificada dessa perspectiva, como o território das possibilidades e oportunidades de uso e expansão dos dons que recebemos. Vista assim, a cidade é ou deveria ser uma perene troca de dons.

Esse foi sempre o ponto de partida de cada encontro ou de cada atividade da EC. No primeiro encontro, essa também foi a base da proposta do fotovoz, feita após o tema: "Um olhar para a Cidade". Para auxiliar esse olhar, foi apresentada uma pergunta-guia (Quadro 3) orientando os estudantes a um "percurso na cidade" e ao uso dos "óculos da fraternidade".

Esse olhar seria registrado em fotos, quando possível, e a mais significativa seria compartilhada no grupo de WhatsApp, com um comentário sobre o motivo da escolha.

“Olhando à sua volta, você vê sinais de fraternidade ou ambientes que podem ser mudados pela ação fraterna?”

Quadro 3: Pergunta guia para o fotovoz

No segundo encontro, cada estudante, à imagem projetada, deu voz ao que seu olhar de amor à cidade inspirou. Percebia-se que esse olhar tinha acuidade e muitas vezes continha um sonho de mudança. A reflexão que emergiu desse momento foi que o olhar sobre um lugar ou sobre uma situação, antes talvez até desinteressante ou ignorada, passava a ser multifacetado e instigante. O olhar individual também passava a ser coletivo, pois cada um que via as imagens, com a visão qualificada dos “óculos da fraternidade”, incorporava uma visão de mundo a ser transformado.

Após essa parte, os estudantes se dividiram entre eles para compor os grupos de desenvolvimento da ação local. Algumas questões surgiram: Deveriam executar a ação no local que fotografaram antes? Avaliou-se que não necessariamente, pois a execução dependia de envolver as pessoas do lugar escolhido e, antes de tudo, ouvir as suas necessidades. A escuta ativa é o ponto de partida de um processo que nasce de “baixo para cima”, ao contrário da tendência de intervir sem diálogo. Esse foi o novo passo para o “percurso na cidade” que se propuseram a fazer naquela semana. Segundo, como sair, buscando as pessoas, de mãos vazias, sem levar nenhuma coisa a dar, nenhuma solução pronta, nem ao menos uma promessa? Parecia-lhes impossível, mas como fizeram antes a educação do olhar e foi produtivo, estavam dispostos a fazer a educação do ouvir.

No encontro seguinte, os estudantes avaliaram que os contatos haviam sido promissores, pois tinham realmente procurado, antes de qualquer outra coisa, ouvir as pessoas com respeito e confiança e começaram a ver que elas eram capazes de dizer aquilo de que precisavam. As necessidades observadas iam além das coisas materiais e tinham a ver com a dignidade de serem ouvidas e capazes de se relacionar em clima de confiança.

3.3 Encerramento do curso e uma possível continuidade

Para a apresentação dos projetos e a entrega dos certificados, os estudantes conseguiram um salão emprestado e o prepararam para receber os convidados. Estavam presentes o prefeito, uma secretária municipal, um vereador, os parentes e amigos dos estudantes. Sob o olhar atento dos presentes, os grupos apresentaram os Projetos de Ação Local,

já com alguns resultados ou sugestões de desdobramentos. Os 3 grupos escolheram trabalhar com alguns mais vulneráveis da sociedade: “Fraternidade com os recicladores”, com pessoas que trabalhavam no depósito de lixo da cidade recolhendo objetos para reciclagem; “Bosque Fraterno”, com moradores de um bairro pouco urbanizado; e as “Visitas da Paz”, com pessoas acamadas ou solitárias.

No final da apresentação, o prefeito colocou-se à disposição para uma reunião com seu secretariado e os estudantes para verem juntos algumas questões que os projetos suscitaram. Com bastante conversa em torno da mesa do lanche, conclui-se mais um curso, mas os relacionamentos continuariam... era o que pouco a pouco se intuía. Também em relação aos projetos apresentados, que indicavam a necessidade de uma continuidade em função do benefício que poderia chegar às pessoas.

3.4 Ainda sobre os projetos de ação local apresentados

A Escola Civitas alia os conhecimentos sobre a fraternidade universal como categoria política e social à prática, por meio do desenvolvimento de um projeto de ação local, cujos resultados são apresentados no encerramento, como requisito para a certificação. Os Projetos são elaborados pelos estudantes a partir da escuta ativa da comunidade, tentando identificar as necessidades possíveis de serem resolvidas juntos, com os recursos existentes.

Foram apresentados os projetos:

a) Um grupo visitou o lixão da cidade, que um dos estudantes havia apresentado no fotovoz, e começaram uma conversa com os que recolhiam ali os materiais recicláveis e, após acondicioná-los em grandes fardos, os vendiam. Foram listadas algumas necessidades urgentes: água para higiene, banheiros, abrigo contra o sol e atendimento de saúde, mas a surpresa ficou por conta de ouvir daquelas pessoas que também era necessário melhorar a autoestima. A própria escuta que fizeram foi ao encontro dessa necessidade e na visita seguinte, organizaram um lanche comunitário. Levaram uma mesa, lanche e água potável e os recicladores abriram um espaço em meio aos fardos, e lancharam todos juntos ali mesmo, sem distinção. Também, foi necessário chegar a um consenso sobre as necessidades que envolviam recursos do poder público. Os estudantes explicaram que teriam de priorizar uma necessidade, que fosse possível atender, junto com as pessoas do lugar, naquele curto espaço de tempo e com o que dispunham. Juntos, optaram por resolver a falta de um ponto de água. Na apresentação do projeto deram o nome de “Fraternidade com os recicladores” e foi sobre essa proposta que o prefeito se comprometeu em reunir seu secretariado para ver o que era possível fazer.

b) Outro grupo reuniu estudantes moradores de um bairro distante, quase uma vila, chamada Alvorada, em que um dos estudantes que trabalhava na área da saúde, fazendo visitas domiciliares, despertou para o projeto a que deram o nome de "Visitas da Paz". Decidiram visitar juntos as pessoas mais sós e simplesmente ouvi-las, tentando descobrir juntos as suas necessidades, aquelas que poderiam atender com os recursos existentes, ou seja, contando com eles mesmos. Nas visitas às pessoas, identificaram a necessidade de uma cadeira de rodas, necessidade que não tinham como atender, mas na própria comunidade alguém disse que tinha uma para doar e assim foi resolvida. Esse aspecto sempre foi realçado no trabalho de campo para evitar que se suprimisse o papel de protagonista daquelas pessoas ou da própria comunidade local.

c) Um estudante que morava em um bairro industrial, praticamente sem urbanização apresentou no fotovoz a imagem de uma enorme praça vazia e poeirenta na frente de uma igreja. E ele próprio conta:

Trocamos óculos escuros pelos "óculos da fraternidade". Foi o suficiente para vermos as necessidades tão próximas de nós e o quanto poderíamos praticar. A proposta foi simples, proporcionar um espaço onde os moradores pudessem se confraternizar, por mais que fosse pelo simples gesto de se cumprimentarem. Existia um espaço público frontal à capela Santa Rita de Cássia desocupado. Logo veio a ideia de transformar aquele espaço em local de confraternização, ou seja, onde os moradores locais pudessem socializar-se presencialmente. Nasceu assim o projeto bosque fraterno no bairro Parque Alvorada IV, região muito carente do sentimento fraterno. (SANTOS, 2021)

Outro estudante que já estava em outro grupo se ofereceu para ajudá-lo a elaborar e a executar o projeto. Esse ajudar o outro a cuidar de um projeto, mesmo deixando de lado o seu, aconteceu com outra estudante, o que estava bem de acordo com a proposta da fraternidade.

4 REFLEXÕES SOBRE A ESCOLA CIVITAS EM ALEXÂNIA

Para entender essa realidade nascida há poucos anos e que dependeu da participação voluntária de tantos, torna-se necessária uma visão de processo.

4.1 Sobre o antes e o atual

A Escola Civitas adquiriu ao longo do tempo agilidade e leveza, sem perder o propósito de revelar no coração de cada um o DNA do amor (LUBICH, 2001). Essa condição permite alcançar uma relação fraterna com todos a partir do diálogo e da confiança mútua.

Os encontros em Alexânia foram dirigidos ao exercício da fraternidade nas quatro horas semanais em que duravam os encontros presenciais e na produção de reflexões e decisões práticas. As imagens e o diálogo foram basicamente os meios usados para tomada dessas

decisões. Talvez, a experiência de alguns contribuiu para que o processo avançasse em pouco tempo com propostas factíveis e realistas, mas também pode-se acrescentar que essa efetividade aconteceu em uma horizontalidade onde esteve também presente a afetividade fraterna. Hoje, o desenvolvimento de políticas públicas começa a ter presente a importância do afeto, seja no sentido de se afetar, mas também de aproximar pessoas. (LOPES, 2017). Esses aspectos mostram a potência adaptativa da proposta e a liberdade com que foi constituída a Escola Civitas no Brasil.

Por outro lado, embora essa análise positiva prevaleça sobre o novo formato de curso, como o de Alexânia, não se pode desconsiderar a proposta inicial da EC com forte fundamentação na teoria das ciências políticas e filosóficas, incluindo uma leitura mais abrangente da realidade histórica e institucional das cidades e da política em geral. Há consciência de que o programa atual, mais sintético, é insuficiente para o conhecimento e o entendimento de mecanismos mais profundos por meio dos quais a ação política acontece, especialmente hoje em que a política institucional no Brasil está em crise e provoca nas pessoas uma desorientação.

Não se experienciou ainda nessa modalidade atual da EC como reagir a esses desafios. Compreende-se que o breve período planejado para o curso reformulado não permite tratar de temas essenciais da realidade política, por exemplo, a vulnerabilidade crescente de grandes segmentos populacionais à margem do desenvolvimento, o contraste social presente nos vários brasis que nunca se uniram etc. Tem-se a consciência de que um conteúdo disciplinar e instrumentos mais aperfeiçoados para abordagens sobre essas questões culturais e políticas serão necessários. O que poderia ser desenvolvido em uma nova etapa do curso, ou em outro modelo, para outro tipo de público. A proposta da Escola Civitas é uma proposta sempre aberta a novos desafios.

4.2 Sobre o atual e o futuro

O que a experiência da EC em Alexânia 2019 evidenciou e que poderia impactar as projeções futuras desse processo a que nos referimos? Um ponto foi a intergeracionalidade. O aspecto de ser uma turma multietária foi muito positivo, talvez a riqueza do intercâmbio entre as gerações motivou em geral e a desistência foi zero. Essa característica não havia nas experiências anteriores em que só participavam jovens e adolescentes. Reunindo estudantes com longa e profunda experiência no campo da política partidária e da política das cidades, lado a lado com aqueles mais jovens, alguns desejosos de entrar nesse espaço da política

partidária, intuiu-se que seria natural observar uma intensa troca sobre vários aspectos de importância prática para a política.

Essa diversidade etária e a desproporcionalidade nessa troca de experiências poderiam dificultar ou inviabilizar a metodologia da EC. Esse desafio foi percebido previamente e contornado talvez pela horizontalidade. Esse seria o segundo ponto: horizontalidade. A dinâmica dos círculos de diálogo, inspirados em parte nos processos circulares, muito usados pela justiça restaurativa no Brasil, é um ponto importante a ser considerado em outras experiências (PRANIS, 2010). O estar em círculo, olhando nos olhos, todos com poder igual de fala, deu prioridade à qualidade do coletivo, ao pertencimento ao todo, à fraternidade entre iguais, desde o início.

Um terceiro aspecto, não menos importante, foi a validação do projeto pedagógico, dos temas, da escolha dos colaboradores e até da logística. Todos esses aspectos foram mais uma vez validados. Impressionou a dimensão dos Projetos de Ação Local que nasceram da escuta ativa das pessoas. Isso fez com que os projetos fossem adequados a uma cocriação que deveria acontecer dentro das disponibilidades, sejam de tempo, sejam de mobilização e de conhecimento. Os projetos avaliados no final, atendiam reais necessidades e traziam a voz da comunidade onde escolheram para agir. E mais, dois dos projetos adquiriram o status de continuidade, o que está motivando a repensar como fazer no futuro diante de projetos de maior impacto para as políticas públicas locais.

Talvez essa seja a quarta contribuição: Como dar continuidade? Antes, os monitores, sobretudo, acompanhavam os jovens no curso e no pós-curso, auxiliando-os inclusive em dificuldades socioeconômicas de suas famílias, mas agora o desafio passa a ser a própria cidade que demanda amor cívico ininterrupto e as demandas de acompanhamento após o curso expandiram sobremaneira nessa experiência. Esse é o desafio para um novo tempo.

A Escola Civitas, nesse processo, se revela uma nova fronteira de disseminação da cultura da fraternidade, que vai muito além da política, com o desafio de manter a sua essência e, ao mesmo tempo, acompanhar a extensão de uma realidade eminentemente de intervenção cultural. São as novas “searas do diálogo cultural”, que têm levado a lugares que habitualmente não se tinha tanto acesso e que acabam por abrigar muitas das periferias existenciais também.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis porque a Escola se funda e se rege sobre um Pacto, um pacto de respeito recíproco, de ajuda mútua, mas também de Verdade, de dizer no diálogo, nossas observações, nossas impressões, mas libertando-nos inclusive de certas seguranças que trazemos dentro de nós, muitas vezes adquiridas de fora, mas que não são expressão de liberdade verdadeira... A liberdade que nós queremos realizar é uma liberdade de busca da verdade. E tudo isto deve ser feito com diálogo, com respeito. (BAGGIO, 2007).

Diante dessa premissa, ousamos refletir e tentar interpretar a pequena história da EC em nossa região. O primeiro ponto a avaliar é o da fidelidade a um pacto que Chiara Lubich e suas primeiras companheiras fizeram, o pacto do amor recíproco ou de respeito mútuo. (ZAMBONINI, 1991) Esse pacto está revestido do princípio da fraternidade universal, pois sua origem está naquelas atitudes que Jesus Cristo propôs como estilo de vida e o qual todo o ser humano é convidado a viver (a “arte de amar” ou “Dado da Paz”).

Na Escola Civitas, o amor recíproco entre quem organiza e quem faz o curso e também com aqueles que já se dedicam à realidade local, voluntariamente ou na condição de autoridade política, está no centro da formação, e de certa forma, a precede. A mesma realidade que se viveu na sala de aula, os fez sair do círculo menor e sentir que a sociedade, para quem quer realmente transformá-la, exige dilatar o coração de cada um e de todos juntos.

Outro Pacto colocado em jogo na EC foi o Pacto da Verdade que poderia ser traduzido por Pacto de Unidade. A unidade realiza aquilo que muitas vezes é exigido para dar passos em um caminho, ela ilumina a estrada e faz se sentir confiante, aquecendo e agregando pessoas, em clima de fraternidade (LUBICH, 2000). Essa realidade vivida por Chiara Lubich desde o início foi identificada como propriamente sua missão (FALMI & GILLET, 2015). Missão que iluminou o entendimento da política em função da Unidade e que deu o sentido ao Movimento Político pela Unidade ao entender a sua precedência no agir político (LUBICH, 2002).

A EC não se deteve a instigar o posicionamento político de cada um dos seus participantes e nem a uma análise de realidades maiores da política institucional, que possivelmente poderia abarcar um largo espectro de posições, ou até de polos antagônicos. Ao invés, dedicou-se a abraçar, por meio do projeto de ação local, as feridas da humanidade não-idealizada, a que sofre ao lado, nos cantos às vezes esquecidos e abandonados da cidade. Se os estudantes e todos os envolvidos experimentaram a unidade é muito difícil de se avaliar. Esse é um ponto para uma avaliação sistemática no futuro, mas indiretamente o clima de concórdia, de cocriação e de alegria que preencheu o ambiente da EC indica que se chegou próximo ao espaço elevado a que apenas a unidade pode conduzir.

“A liberdade que nós queremos realizar é uma liberdade de busca da verdade” (BAGGIO, 2007). Liberdade, inclusive de considerar que a Escola Civitas não é uma proposta acabada, mas ela dialoga necessariamente com a realidade. Então, a liberdade de experimentar caminhos novos foi a marca desse processo. Essa liberdade está apoiada no seu nascimento aparentemente não planejado, mas conduzido magistralmente por acontecimentos e iluminações. A Escola Civitas nasceu do carisma da unidade e da experiência germinal de Chiara Lubich e da comunidade de Trento-Itália ao tentar resolver os problemas sociais daquela cidade no período da Guerra. Também nasceu em resposta às dores da humanidade, particularmente àquelas advindas das crises da política moderna, da perda do significado de princípios fundamentais sobre os quais se tenta construir uma sociedade mais justa, mais igual e mais fraterna. A fraternidade universal é o princípio esquecido da democracia moderna, que uma vez deixado de lado, não permitiu que a liberdade e a igualdade se realizassem plenamente. (BAGGIO, 2008) Agora, todas essas realidades adquirem sentido, pois foram o berço para o desenvolvimento da cultura da fraternidade, do qual a EC é um dos braços mais promissores.

Em conclusão, a cogovernança pode ser entendida como um processo de qualificação da participação da sociedade civil na mesa das decisões políticas em prol do bem comum e situar-se dentro de um vasto movimento heterogêneo, mas decidido de partilha corresponsável desse espaço, ora mais livre, ora mais regulamentado. Nesse desafio, a formação do cidadão é essencial para se alcançar esse almejado patamar da cidadania e da democracia. Para isso, a EC revelou ser um dos processos capazes de qualificar o exercício do diálogo a 360°, que inclui todos e a todos convida a fazer parte. Experimentou-se no curto tempo de sua existência o alcance de sua proposta pedagógica junto aos jovens em contextos diferentes, inclusive naqueles em que a maioria dos nossos jovens brasileiros se encontram, isto é, enfrentando a falta de oportunidades em um ambiente adverso. Ainda que seja necessária uma validação maior, o caminho até agora mostrou-se útil à formação de cidadãos à cogovernança das localidades, inclusive com a participação de adultos e atores já participantes do espaço político, como essa Escola Civitas de Alexânia levou a experimentar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. **Ser Diálogo**. Revista Cidade Nova, Exemplar 640, ano LXI, n. 8 ago. 2019. Vargem Grande Paulista. Editora Cidade Nova. p. 36-37

BAGGIO, A. M. **Storia di un'idea**: Presentazione dell'opera Economia e Civiltà. Roma-Itália. 21 fev. 2005. Disponível em <https://www.fondazione.weber.org/wp->

content/uploads/2018/03/ANTONIO-MARIA-BAGGIO-Storia-di-una-idea.pdf. Acesso em: 9 jul. 2021.

_____, A. M. (org.). **Reflexões para a vida pública:** a cultura da Fraternidade e a política. Tradução: Scheneider, E. A. *et al.* Vargem Grande Paulista. Editora Cidade Nova, 2006. 204 p.

_____, A. M. **Saudação à Escola CIVITAS.** Transcrição e tradução de gravação. 2 ago. 2007.

_____, A. M. (org.). **O Princípio esquecido/1:** A fraternidade na reflexão atual das ciências políticas. Tradução: Durval, C., Gaspar, I., Almeida, J. M. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2008. 200 p.

BERGOGLIO, J. M. **A doce e confortadora alegria de evangelizar.** Apontamentos, mar. 2013. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2013/03/27/a-mensagem-do-cardeal-bergoglio-que-tocou-os-cardeais/> Acesso em 8 jul. 2021.

CIVITAS Associação Cultural e de Cidadania. **Manifesto Escola Civitas.** Folder. Vargem Grande Paulista, [2007]

FALMI, D.; GILLET, F. (org.) **A Unidade:** Chiara Lubich. Tradução: Silva, I. B. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2015. 158 p.

HERGENRATHER, K. C., et al. Photovoice as community-based participatory research: a qualitative review. **Am J Health Behav**, 33(6), p. 686-698, nov. dez. 2009. DOI: 10.5993/ajhb.33.6.6. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/24233504_Photovoice_as_Community-Based_Participatory_Research_A_Qualitative_Review. Acesso em: 15 jul. 2021.

LIVING PEACE INTERNACIONAL. **Um percurso de educação para a paz.** Guia 2020 2021 [2020]. Disponível em: http://livingpeaceinternational.org/attachments/article/387/GUIDA%20LP%202020-2021_PT_web%209.pdf. Acesso em: 7 jul. 2021.

LOPES, E. A. **Redes Sociais Locais:** afetividade que gera efetividade nas políticas públicas. Brasília: Annabel Lee, 2017. 147 p.

LUBICH, C. **A contribuição que o Movimento dos Focolares dá à cidade.** Discurso de Chiara Lubich ao receber o título de cidadã honorária de Roma. 22 jan. 2000. 1 Video (12 min.) Disponível em: <https://vimeo.com/19837567> Acesso em 14 jul. 2021.

_____, C. **A Fraternidade no horizonte da cidade.** Discurso sobre o Movimento Político pela Unidade à Câmara Municipal de Trento - Itália, em 8 de junho de 2001. Tradução: Almeida, J.M. Abba Revista de cultura. Vol. VI. A. 2003.

_____, C. **O Movimento da Unidade por uma Política de comunhão.** Tradução: Almeida, J.M. Abba Revista de Cultura, v.V, n. 2, São Paulo: Cidade Nova, 2002. p. 7-21.

_____, C. **A Arte de Amar**. 2 ed. Tradução: Silva, I. B. Vargem Grande Paulista. Editora Cidade Nova, 2006.

OLIVEIRA, M. C. B. Anexo: **Escola Civitas Brasília/Alexânia-GO - Relato de uma Experiência**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <julio.carneiro1@gmail.com> em 13 jun. 2021.

PRANIS, K. **Processos Circulares**. Tradução: Acker, T. V. São Paulo: Palas Athena; 2010. 100 p.

SGARIGLIA, A. **Entre contemplação e reflexão**: o Centro de Estudos "Escola Abba". In *LOPES et al. Fraternidade e Humanismo: uma leitura interdisciplinar do pensamento de Chiara Lubich*. Tradução: Araújo, A. M.; Reis, L. M. Vargem Grande Paulista. Editora Cidade Nova. 2014. p. 25-30.

SANTOS, A. V. **Bosque fraterno**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <julio.carneiro1@gmail.com> em 17 jun. 2021.

ZAMBONINI, F. **Chiara Lubich**: A Aventura da Unidade. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1991. 177 p.